

# O JORNALISMO E A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS RELIGIOSAS NA POLÍTICA BRASILEIRA

---

JOURNALISM AND THE DISSEMINATION  
OF RELIGIOUS FAKE NEWS IN BRAZILIAN  
POLITICS

Érica Karoline Alves FERREIRA <sup>1</sup>

Virgínia PATROCÍNIO <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação social - Jornalismo. E-mail: ericakarolalves@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação pela PUC-Rio, mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM), São Paulo. Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: vipatrocínio@yahoo.com.br.

## RESUMO

Este artigo analisa o impacto das *fake news* religiosas no período eleitoral, dando ênfase nas eleições presidenciais brasileiras de 2022 e à atuação da imprensa no enfrentamento desse fenômeno em um ambiente polarizado. O objetivo principal é mostrar como a disseminação de notícias falsas pelos líderes políticos religiosos, em específico o deputado federal e pastor Marco Antônio Feliciano do Partido Liberal (PL), afeta a formação da opinião pública e o desafio que o jornalismo teve para combater a desinformação por meio de checagem de fatos. Por meio de estudos de casos qualitativos e análise de conteúdo, investigamos como a desinformação baseada em discursos religiosos molda narrativas políticas, impacta processos democráticos e desafia a ética jornalística. O estudo destaca como o deputado federal e pastor Marco Antônio Feliciano desempenhou um papel ativo na disseminação de *fake news*, nas eleições presidenciais brasileiras de 2022 utilizando redes sociais como o Instagram para propagar narrativas desinformativas e a importância de um jornalismo de checagem para mitigar a propagação de *fake news*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Fake News; Desinformação; Política; Religião; Jornalismo.

## ABSTRACT

*This article analyzes the impact of religious fake news during the electoral period, with an emphasis on the 2022 Brazilian presidential elections and the role of the press in confronting this phenomenon in a polarized environment. The main objective is to show how the dissemination of fake news by religious political leaders, specifically federal deputy and pastor Marco Antônio Feliciano of the Liberal Party (PL), affects the formation of public opinion and the challenge that journalism has had in combating disinformation through fact-checking. Through qualitative case studies and content analysis, we investigate how disinformation based on religious discourses shapes political narratives, impacts democratic processes, and challenges journalistic ethics. The study highlights how federal deputy and pastor Marco Antônio Feliciano played an active role in the dissemination of fake news in the 2022 Brazilian presidential elections by using social networks such as Instagram to propagate disinformation narratives, and the importance of fact-checking journalism to mitigate the spread of fake news.*

**KEYWORDS:** Fake News; Disinformation; Politics; Religion; Journalism.

## INTRODUÇÃO

A disseminação de *fake news*<sup>3</sup> tornou-se um dos principais desafios para a democracia brasileira, principalmente em períodos eleitorais. Quando essas *fake news* se articulam com discursos religiosos, os efeitos tornam-se ainda mais complexos, pois invocam elementos simbólicos, morais e identitários. A instrumentalização da fé por políticos religiosos com o objetivo de moldar a opinião pública e influenciar o comportamento eleitoral tem se intensificado nos últimos anos, particularmente com o avanço das redes sociais como plataformas de difusão de conteúdo.

No Brasil, a influência das lideranças evangélicas na política tem crescido nas últimas décadas, consolidando-se como uma das forças mais influentes nas disputas eleitorais e, as eleições presidenciais de 2022 evidenciaram isso. Políticos, utilizando a religião como ferramenta de mobilização política baseada na desinformação<sup>4</sup>, desempenhando um papel significativo na propagação de notícias falsas.

Nas eleições presidenciais brasileiras de 2022, esse cenário ficou ainda mais evidente. Como já dito, a campanha eleitoral foi marcada por um alto grau de polarização, e a circulação de *fake news* religiosas teve papel central na mobilização de eleitores. Um dos protagonistas desse processo foi o deputado federal e pastor Marco Antônio Feliciano, filiado ao Partido Liberal (PL). Com forte atuação nas redes sociais, Feliciano utilizou sua posição de liderança religiosa para divulgar conteúdos desinformativos com atividade digital, baseada em estratégias de comunicação direta e emocional e teve como objetivo reforçar a identificação ideológica com sua base evangélica e minar a credibilidade de fontes jornalísticas tradicionais.

Hoje, os evangélicos brasileiros, apesar de suas diferenças denominais e institucionais, formam uma importante autoridade cultural, política e de *lobby* em conjunto, graças a esforços de projeção na esfera pública que já duram décadas (Mariano, 2014; Cunha, 2019). Por este motivo, são muito visados eleitoral e politicamente, não só para eleger candidatos, mas também para dar sustentação aos seus mandatos de forma perene (Dip, 2018).

Neste sentido, este estudo busca mostrar o impacto das *fake news* propagadas por Marco Feliciano nas eleições presidenciais brasileiras de 2022 e mostrar como o jornalismo enfrentou a disseminação de notícias falsas durante o período eleitoral. Partindo da premissa de que a religião é um elemento central na identidade de grande parte da população, questiona-se: Como

---

<sup>3</sup> (Fake news é a falsificação da forma notícia. Parece ser uma notícia jornalística, mas não é.) Fala do Prof. Dr. Eugênio Bucci no evento da Procuradoria Regional Eleitoral de São Paulo, em 07 de abril de 2022.

<sup>4</sup> “Desinformação é sobre uma informação falsa divulgada intencionalmente para manipular a opinião pública” (Derakhsan; Wardle, 2017)

a imprensa enfrentou a desinformação nas redes sociais? E qual foi o impacto das *fake news* para a formação da opinião pública sobre a política brasileira?

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo adota uma abordagem qualitativa, centrada em dois eixos principais: análise de conteúdo e estudo de caso. A primeira etapa consistiu na seleção e categorização de publicações feitas por Marco Feliciano em seu perfil no Instagram, com especial atenção para postagens com conteúdo religioso e político. As publicações foram analisadas a partir de categorias temáticas como moralidade, ameaça ao cristianismo, defesa da família tradicional e combate ao “inimigo ideológico”, além de mostrar a importância da checagem de fatos (*fact-checking*) como uma ferramenta que o jornalismo usa para combater essas narrativas.

Em paralelo, realizou-se um levantamento de checagens feitas por agências jornalísticas independentes e veículos da grande imprensa (como o Coletivo Bereia) sobre as afirmações de Feliciano e outros líderes religiosos. O estudo se baseia, portanto, na análise comparativa entre a narrativa construída por Feliciano e a resposta jornalística, investigando os efeitos dessa interação no ambiente informacional brasileiro.

Ao explorar essa interseção entre comunicação, religião e poder, este artigo visa não apenas mapear os mecanismos de circulação de *fake news*, mas também refletir a importância de um jornalismo ético e promotor de um debate público mais transparente. Em um momento em que a verdade e a fé são instrumentalizadas para fins políticos, é de extrema importância compreender essa dinâmica para preservar os fundamentos de uma sociedade plural e democrática.

## RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIA: A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE EVANGÉLICOS E A POLÍTICA BRASILEIRA

A relação entre jornalismo, religião e política constitui um dos pilares fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais e democráticas no Brasil. Em um cenário marcado por tensões políticas, a disseminação de notícias falsas tem se destacado como um fenômeno capaz de influenciar não apenas opiniões públicas, mas também processos decisórios e eleitorais. O jornalismo, enquanto mediador essencial na construção da realidade social, enfrenta desafios sem precedentes diante da velocidade e do alcance proporcionados pelas plataformas digitais, sobretudo quando conteúdos enganosos se valem de símbolos e narrativas religiosas para ganhar credibilidade.

No contexto brasileiro, onde a fé e a política frequentemente se entrelaçam, a propagação de *fake news* assume contornos particulares. Desde a sua colonização o Brasil foi fortemente marcado pela presença religiosa nas instituições estatais e nas instâncias subjetivas da população, afinal a exploração das terras brasileiras pelos jesuítas também foi uma missão de catequização dos nativos, a fé sempre foi um elemento central na biopolítica<sup>5</sup> brasileira, a exemplo, nós temos as excomunhões aplicadas pelos jesuítas na população na população brasileira ao ponto de ganhar força normativa de lei. “...extrapolando a esfera religiosa e invadindo uma alçada que não lhe era própria.” (MANUEL, 2015, p.103).

O próprio rei D. João III tinha posição hierárquica importante dentro da igreja católica, tendo o cargo de Grão-mestre da ordem de Cristo, que se perpetuou para seus sucessores. A vontade da coroa de Portugal em relação às colonizações, e o Brasil está incluso nisso, sempre foi bem clara, pontilhar de padres cada pedaço de terra dos seus novos domínios, mostrando a relação estreita entre religião e política, tanto no mundo, quanto no Brasil, a experiência política brasileira é marcada por uma forte presença religiosa, Rops (1995) afirma que não houve confusão tão grande entre a intenção colonizadora e a intenção apostólica quanto nas colônias portuguesas.

No Brasil, temos a Teologia da Libertação, iniciada nos anos 67/68 no encontro dos bispos latino-americanos, convocado pelo papa Paulo VI, encontro esse que promoveu uma reformulação na postura da igreja na América Latina. Onde o grupo progressista da igreja se organizou em grupos de pressão para exigir tal reformulação, levando o povo não mais a ser visto como “objeto de estudo pastoral”, e se tornassem “sujeitos de sua história”, tal mudança que teve grande influência nos partidos progressistas brasileiros, esse é um exemplo de relação entre a religião e a política.

Partidos políticos e militantes políticos foram influenciados e formados pela teologia da libertação, iniciando sua atuação política a partir dos valores da igreja católica, atrelados ao comprometimento com as mudanças sociais e políticas, denunciando as injustiças sociais e colocando a clara necessidade de lutar pela igualdade. Dentre eles, selecionamos: Chico Alencar (PSOL); Paulo

---

<sup>5</sup> Biopolítica é um conceito filosófico que se refere ao poder exercido sobre a população e os corpos, a partir da gestão da vida, da saúde e sobre a forma normativa da lei. O termo foi cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault, segundo Danner “Portanto, na visão de Foucault, o desenvolvimento da sociedade moderna e das novas relações de produção capitalistas tiveram a necessidade de toda uma tecnologia de poder que age de modo a gerir e a controlar as multiplicidades humanas. A anátomopolítica do corpo (ou disciplinas) e a biopolítica da espécie humana foram dois mecanismos do poder inventados no decorrer de segunda metade do século XVII e no decorrer do século XVIII, respectivamente, como instrumentos de formatação e normalização dos indivíduos e das populações, uma espécie de ajustamento dos indivíduos às novas relações de produção então em pleno desenvolvimento.” (DANNER, F. *O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault*. **Revista Estudos Filosóficos**, n.4, p. 143-157. 2010

Teixeira (PT); e João Pedro Stédile (MST). (Ortunes, L., Martinho, S., & Chaia, V., 2019).

Por outro lado, no século XIX e XX, nós temos a chegada dos missionários estadunidenses no Brasil, que se identificavam como *evangelicals*, movimento esse que não foi homogêneo, mas teve sua maior representação e envolvimento político a partir do eixo neofundamentalista. Grupo esse que tenta, segundo Oro, retomar uma forma de vida antiga, baseada no patriarcado, em fundamentos bíblicos, e nas ideais liberais de meritocracia e no trabalho enquanto princípio de dignificação dos sujeitos, grupo que teve grande influência do fundamentalismo estadunidense do início do século XX.

É nesse contexto que os grupos evangélicos brasileiros<sup>6</sup>, influenciados pelos fundamentalistas estadunidenses ligados a extrema-direita nacional, começam a abandonar a apatia política indo em direção a uma “tentativa de fazer reviver uma comunidade de sentimentos religiosos e políticos no tempo do individualismo exacerbado. E o faz usando a mídia e os instrumentos de pressão política.” (ORO, 1996, p.91)

Com a consolidação dos evangélicos na política brasileira nas últimas décadas, parte desse avanço também pode ser explicado pelo uso estratégico dos meios de comunicação por lideranças religiosas. Desde a década de 1950, o rádio foi fundamental na difusão de sermões evangélicos, permitindo que pastores e missionários alcançassem públicos distantes dos grandes centros urbanos. A comunicação religiosa no rádio, inicialmente voltada à pregação e ao fortalecimento da fé, evoluiu para assumir um papel mais ativo na formação de valores políticos e sociais.

Contudo, foi na década de 1980 que a relação entre evangélicos e mídia atingiu uma nova escala. Inspirados em estratégias de televangelistas norte-americanos como Pat Robertson, líderes brasileiros começaram a investir fortemente em meios próprios de comunicação em massa. Entre os nomes mais emblemáticos está Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que adquiriu a Rede Record, transformando-a em um veículo para difundir sua teologia e apoiar candidatos alinhados a seus valores. A TV permitiu que pastores se tornassem celebridades, construindo uma base de fiéis que transcendia os limites geográficos das igrejas.

No Brasil, programas como “Show da Fé” (Record) e “Palavra Amiga” (RedeTv) popularizaram a teologia da prosperidade, associando fé a sucesso material. Paralelamente, políticos evangélicos, como o deputado federal João Campos de Araújo, do Partido da Social

---

<sup>6</sup> Entende-se por evangélicos no Brasil todos os fiéis da religião cristã não pertencentes às confissões Católica Romana e Ortodoxa. (CUNHA, 2017)

Democracia Brasileira (PSDB) eleito em 2003, usaram horários eleitorais gratuitos para vincular suas candidaturas a pautas morais, como a defesa da “família tradicional”.

Com o advento da internet e das redes sociais no século XXI, essa relação entre mídia e religião ganhou novas dimensões. Nos anos 2000, a internet amplificou a voz evangélica. Sites de notícias cristãs (como Gospel Prime) e fóruns online permitiram a criação de comunidades virtuais engajadas em debates sobre aborto, sexualidade e laicidade do Estado. Após 2010, a popularização do Facebook, WhatsApp e Instagram redefiniu o modo que os líderes evangélicos se comunicavam com os seus fiéis, fazendo com que todos migrassem para as redes sociais, onde algoritmos priorizam conteúdo emocional e polarizante, ideal para mensagens baseadas em valores morais.

Wardle e Derakhshan (2017) destacam que as *fake news* podem ser vistas como uma forma específica de desinformação, frequentemente fabricada para parecer notícia jornalística, mas que não segue os padrões éticos e metodológicos do jornalismo tradicional. Esse cenário foi agravado pelo uso de sermões, cultos e conteúdos midiáticos religiosos para difundir discursos alarmistas, muitas vezes sem checagem por parte dos fiéis que veem líderes religiosos como fontes incontestáveis de autoridade.

Por isso, durante as eleições presidenciais brasileiras de 2022 a propagação de notícias falsas teve um impacto significativo na formação da opinião pública, principalmente em um contexto marcado por polarização política e pelo uso estratégico de narrativas que misturavam fé, moralidade e ideologia. Essas informações falsas, muitas vezes vinculadas a “discursos apocalípticos”, ataques a símbolos religiosos ou promessas de “proteção divina” a candidatos, foram instrumentalizadas para mobilizar bases eleitorais, consolidar estereótipos e semear medo em torno de propostas políticas concorrentes.

Um dos efeitos mais notórios foi a radicalização de segmentos religiosos, principalmente entre evangélicos, grupo que, segundo a análise da Mar Asset Management<sup>7</sup> representa mais de 30% da população brasileira e que, até 2026 35,8% da população será evangélica. O estudo destaca que o grupo dos evangélicos possui maior predisposição para considerar a opinião de seus líderes religiosos e os valores da fé ao tomar decisões de votos nas urnas e, dentro do Congresso, apoiar as medidas legislativas. Abaixo está a tabela que mostra a influência da religião na política.

---

<sup>7</sup> MAR ASSET MANAGEMENT. “Vai na fé! O impacto eleitoral do crescimento dos evangélicos”. 16 de janeiro de 2025. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.marasset.com.br/conteudo-mar/>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

Fig. 1 – A influência da religião na política.

**A influência da religião na política – católicos vs. evangélicos**

	Católicos	Evangélicos
Costuma levar em consideração a opinião de líderes de sua Igreja que fazem campanhas para políticos.	10%	23%
Os valores religiosos devem ter muita / um pouco de influência nas decisões políticas do país.	46%	55%
A igreja que você frequenta possui ensinamentos ou recomendações sobre dar preferência a pessoas religiosas nas eleições para cargos públicos.	14%	31%

Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Fonte: Reprodução/Datafolha, Mar Asset Management. Acesso em: 6 de maio de 2025.

Segundo o relatório de pesquisa do NetLab (Laboratório de Pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro) de 2022, na véspera da votação para o primeiro turno notícias falsas circularam amplamente em redes sociais e aplicativos de mensagens com quatro eixos temáticos que reúnem as principais narrativas de desinformação disseminadas, são elas: apelo religioso baseado no embate ente os candidatos Padre Kelson e Lula no debate da Globo, acusando Lula de ser anticristão; Associação do PT e a esquerda à corrupção e criminalidade; Mensagens pró-Bolsonaro adotam tom de vitória, destacando pesquisas que mostravam a vitória de Bolsonaro no 1º turno; e o Questionamento do sistema eleitoral.

Tais narrativas, embora descontextualizadas ou fraudulentas ressoaram dentro das redes sociais de comunidades evangélicas, como na Catedral do Avivamento, igreja do deputado federal Marco Feliciano, que já se identificavam com uma visão de mundo conservadora, reforçando a adesão ao candidato Jair Messias Bolsonaro, posicionado como “defensor da fé”. Embora os evangélicos sejam frequentemente tratados como um bloco uniforme, na realidade apresentam uma ampla diversidade em suas origens, ritos litúrgicos e estruturas organizacionais.

A igreja Catedral do Avivamento, do deputado federal Marco Feliciano, é uma igreja pentecostal. Baseada no pentecostalismo clássico, a Catedral do Avivamento destaca o batismo do Espírito Santo, dons espirituais (como cura, profecia e manifestações do Espírito Santo) e santidade pessoal. Os cultos são marcados por fortes cargas emocionais, com orações fervorosas, cânticos espontâneos e experiências sobrenaturais. Isso mostra que os fiéis são mais suscetíveis a serem manipulados emocionalmente, por isso uma das armadilhas de Feliciano é

utilizar as emoções (como medo e insegurança), misturar com a política e disseminar informações distorcidas em cima de um púlpito.

Se eu preciso de amparo, é porque eu tenho medo do desamparo [...] quando a religião consegue se impor como um modelo de transformação é porque a política está desaparecendo e não está mais conseguindo ser esse discurso. E a transformação não é só da vida social, mas sim dos sujeitos, é a transformação de como as pessoas se auto compreendem. (Safatle, 2018)

Por outro lado, a desinformação religiosa também alimentou teorias conspiratórias que questionavam a lisura do processo eleitoral. Mensagens falsas acusando as urnas eletrônicas de serem fraudulentas ou acusando instituições governamentais de “cristofobia”<sup>8</sup> contribuíram para minar a confiança no sistema democrático. Júnior e Alfaya (2023) afirmam que em razão desse cenário, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) intensificou seus esforços de combate à desinformação implementando a Resolução 23.714, que proibiu a divulgação de informações falsas que poderiam prejudicar o processo eleitoral e consignou que o TSE tem autoridade para remover URLs com *fake news*.

As *fake news* vão além de serem apenas mentiras, elas prejudicam a verdade e confundem as pessoas diante de um grande volume de informações. Sua propagação ameaça a democracia, distorce o diálogo político e contamina o espaço público. Os danos vão além da dicotomia entre verdade e mentira (OTTONELLI, 2019).

## MARCO ANTÔNIO FELICIANO: O PASTOR NO CONGRESSO NACIONAL

Marco Antônio Feliciano, nasceu em Orlandia (SP) em 12 de outubro de 1972, é pastor evangélico, fundador e líder da Igreja Assembleia de Deus Catedral do Avivamento e deputado federal pelo Partido Liberal (PL), com mandato até 2027. Eleito deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC) em 2010 com 212 mil votos, destacou-se como figura conservadora. Sua carreira política ganhou notoriedade em 2013 quando assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, cargo que gerou protestos devido a declarações consideradas

---

<sup>8</sup> “[...] a cristofobia é uma narrativa de perseguição cristã dos representantes políticos evangélicos conservadores que, perante a percepção de uma ameaça iminente à integridade dos valores da sociedade brasileira, nutrem o medo sobre grupos e movimentos ligados às demandas identitárias e direitos sexuais e sociais.” CARRANZA, Brenda. “Cristofobia”. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/cristofobia>. Acesso em: 16 de março de 2025.

homofóbicas e racistas. Feliciano nega preconceito e atribui críticas a “perseguição ideológica”, consolidando-se como figura polarizadora<sup>9</sup>.

Em 2019 foi expulso do Partido Podemos por apoiar o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, atualmente é filiado ao Partido Liberal (PL). Reeleito quatro vezes, consolidou-se como líder da Bancada Evangélica. Em 2022, recebeu mais de 200 mil votos, refletindo a sua capacidade de mobilização via redes sociais com figuras como Silas Malafaia e Jair Bolsonaro.

Com mais de 3 milhões de seguidores no Instagram, Feliciano utiliza das redes sociais para amplificar seu discurso religioso e político. Suas postagens misturam fé, defesa de pautas conservadoras e respostas a críticas, criando uma conexão direta com a sua base eleitoral, a influência digital do Deputado Federal frequentemente se entrelaça com polêmicas.

Guy Debord (1967, p. 14) define o espetáculo como uma “relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens”, onde a realidade é substituída por representações que alienam indivíduos e consolidam estruturas de poder. Essa ideia se aplica ao Pastor político Marco Antônio Feliciano que usa as redes sociais para criar suas narrativas, deslegitimar adversários, promover terrorismo verbal (CUNHA, 2022), divulgar informações distorcidas ou fraudulentas baseadas em discursos religiosos que encontram terreno fértil em um ambiente polarizado.

Debord (1967) alerta que, na sociedade do espetáculo, a comunicação se reduz a um monólogo de imagens que anula o diálogo crítico. Isso se manifesta nas redes sociais, onde Feliciano usa a plataforma X (ex-Twitter) para difundir mensagens unilaterais, evitando a checagem de fatos. A “Criptomoeda \$BRAZIL”<sup>10</sup>, promovida em seu perfil, ilustra como o espetáculo financeiro também se alimenta de engajamento emocional, mesmo que baseado em fraudes. Essa prática não apenas destrói a confiança nas instituições midiáticas, mas também coloca em risco o diálogo democrático, ao substituir o debate por embates pautados em manipulação emocional e moral.

A apropriação dos meios de comunicação para fins sectários, como transmissões de cultos em emissoras estatais<sup>11</sup>, reflete a invasão do espetáculo religioso na política. Debord

---

<sup>9</sup> Feliciano apaga fotos do Instagram e desabafa no Twitter. **Época Negócios**, 30 de março de 2013. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2013/03/feliciano-apaga-fotos-do-instagram-e-desabafa-no-twitter.html>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

<sup>10</sup> Criptomoeda bolsonarista anunciada por Feliciano derreteu em meia hora e lesou milhares. **Diário do Centro do Mundo**. 26 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/criptomoeda-bolsonarista-anunciada-por-feliciano-derreteu-em-meia-hora-e-lesou-milhares/>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

<sup>11</sup> GRILLO, Brenno. Transmissão de culto pela TV Brasil configura crime de responsabilidade, dizem especialistas. **O Antagonista**, 09 de junho de 2021. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/transmissao-de-culto-pela-tv-brasil-configura-crime-de-responsabilidade-dizem-especialistas/>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

(1967) argumenta que o espetáculo substitui a ação coletiva por passividade, isso é observado quando fieis consomem conteúdos religiosos sem questionar suas bases ideológicas.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é: O que é aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (Debord, 1997. p. 17)

Em 2022, o deputado Feliciano acusou o Partido dos Trabalhadores (PT) de pretender “fechar igrejas” caso o candidato Luiz Inácio Lula da Silva vencesse as eleições. Em uma entrevista à Rádio CBN, ele admitiu espalhar o boato em cultos e redes sociais, alegando que o objetivo era “alertar o rebanho” sobre uma suposta “perseguição religiosa”. A alegação foi desmentida pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que destacou que Lula, em seu governo anterior, havia regulamentado a liberdade de constituição de igrejas no Brasil<sup>12</sup>.

Após a repercussão negativa das *fake news* sobre o “fechamento das igrejas”, o pastor Feliciano adaptou o discurso. Ele alegou que o governo petista usaria a Receita Federal para perseguir evangélicos, “aparelhando instituições” e restringindo a atuação religiosa. A acusação não tinha base legal ou histórica, já que o número de entidades religiosas cresceu significativamente durante os governos do PT<sup>13</sup>.

Já em agosto de 2022, o Deputado Federal Marco Feliciano publicou um vídeo em seu Instagram onde “ressuscita” a falsa narrativa do “kit gay”, afirmando que o PT buscaria aprovar leis para proibir pastores de condenar a homossexualidade e obrigá-los a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Ele também vinculou o partido a uma suposta agenda de “abolir a família tradicional”, ignorando o que o próprio Supremo Tribunal Federal (STF) já havia definido a competência do casamento civil para o Estado, não para religiosos. A alegação foi amplamente desmentida por fatos e decisões judiciais<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> DE SOUZA, André. PT recorre à Justiça contra Feliciano após ele dizer que Lula quer fechar igrejas evangélicas. **O Globo**, 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/pt-recorre-a-justica-contrafeliciano-apos-ele-dizer-que-lula-quer-fechar-igrejas-evangelicas.ghtml>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

<sup>13</sup> MARZULLO, Luísa. Após fake news sobre fechamento de igrejas, Feliciano fala em perseguição aos evangélicos pela Receita em caso de vitória de Lula. **O Globo**, 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/apos-dizer-que-igrejas-fecharao-em-caso-de-vitoria-do-pt-feliciano-adora-fala-em-perseguiçao-aos-evangelicos-por-parte-da-rf.ghtml>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

<sup>14</sup> QUINTELLA, Sérgio. A nova lorota de Marco Feliciano contra a campanha de Lula. **Veja abril**, 17 de agosto de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-nova-lorota-de-marco-feliciano-contraa-campanha-de-lula>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

A disseminação de desinformação teve efeito significativo: pesquisas do DataFolha em 2022 mostravam que o candidato Jair Bolsonaro liderava entre os evangélicos (62% a 32%)<sup>15</sup>, um grupo que representa 31% da população brasileira. Feliciano, como líder religioso e político, explorou essa base ao vincular a candidatura de Lula a supostos ataques à fé, reforçando a polarização. Seu estilo combativo - como debates acalorados com parlamentares de esquerda - gera engajamento massivo, alimentando algoritmos que priorizam conteúdo inflamatório.

O pastor Feliciano personifica a interseção entre religião, política e mídia digital no Brasil. Sua habilidade em mobilizar milhões nas redes sustenta seu projeto de poder, mas também o expõe a crises éticas e legais. Enquanto seus seguidores veem nele um “defensor dos valores cristãos”, críticos apontam seu papel na disseminação de desinformação e divisão social.

Com mais de três milhões de seguidores no Instagram, o Pastor Marcos Feliciano segue publicando vídeos de apoio ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e vídeos atacando o governo do Presidente Lula e suas postagens recebem bastantes visualizações, mostrando claramente o seu posicionamento político.

Fig. 2 – Perfil do Instagram de Marco Feliciano



Fonte: Captura de tela do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2025.

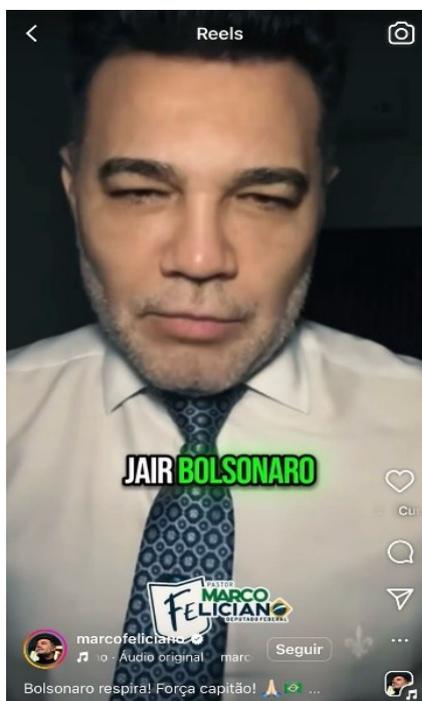
<sup>15</sup> Lula lidera com 49%, e Bolsonaro oscila para 44%. **Datafolha**, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/10/lula-lidera-com-49-e-bolsonaro-oscila-para-44.shtml>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

Fig 3 – O Governo Lula tem preconceito com cristãos?



Fonte: Captura de tela do vídeo do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2025.

Fig. 4 – Bolsonaro respira! Forças capitão!



Fonte: Captura de tela do vídeo do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2025.

Fig 5 – Curtidas e visualizações do primeiro vídeo



Fonte: Captura de tela do Reels. Acesso em: 10 de maio de 2025.

Fig 6 – Curtidas e visualizações do segundo vídeo



Fonte: Captura de tela do Reels. Acesso em: 10 de maio de 2025.

Ao analisar o primeiro *reels*, o qual o tema é “O governo Lula tem preconceito com cristãos?”, pode-se perceber que Feliciano faz uso de narrativas de medo e perseguição religiosa, com isso ele cria narrativas alarmistas sobre supostas ameaças à fé cristã. O vídeo ultrapassa mais de 200 mil visualizações e curtidas. Durante o vídeo, Marco Feliciano afirma que:

Mal chegou nos 100 dias de governo [...] e o presidente Lula já mostrou toda a sua maldade vinda a público. Ele demonstra como serão os próximos anos de seu mandato em relação a nós cristãos. [...] ele (Lula) exclui projetos religiosos da Lei Rouanet quando se fala de arte sacra. E, arte sacra é tudo que

abrange manifestações religiosas [...] então, conclamo a todos! Vamos lutar com todas as nossas forças, nos púlpitos das igrejas e nas tribunas [...] para acabar de uma vez com esse preconceito com o cristianismo. Precisamos derrubar essas tentativas de perseguição religiosa que são odiosas em pleno século XXI. (Feliciano, 2023)

Segundo a agência de checagem Bereia (2023), é enganoso afirmar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha excluído projetos religiosos de serem contemplados pela Lei Rouanet. Na verdade, em nova regulamentação de fomento à cultura, assinada em 23 de março de 2023 pelo atual presidente, a arte sacra apenas deixou de ser considerada uma categoria à parte, não existe exclusão da arte sacra como uma categoria a ser contemplada pelas leis de fomento à cultura, visto que ela sempre foi considerada dentro de outras categorias artísticas.

Fig. 7 – Governo Lula não excluiu projetos religiosos da Lei Rouanet



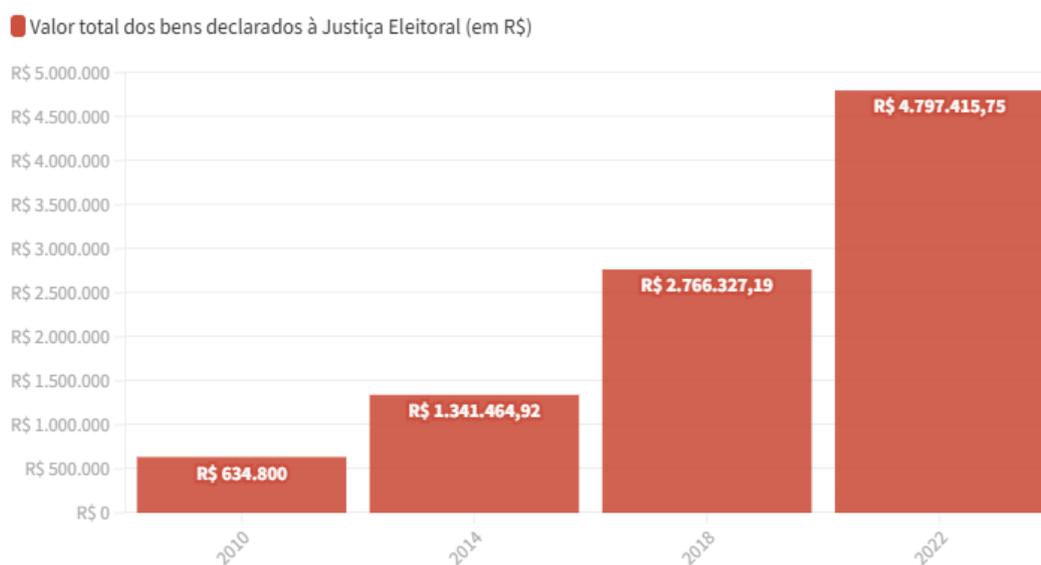
Fonte: Reprodução/Coletivo Bereia. Acesso em: 15 de maio de 2025.

Já o segundo vídeo mostra a lealdade, admiração e uma quase adoração de Feliciano ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O vídeo que tem como legenda “Bolsonaro respira! Força, capitão!” Possui mais de 70 mil curtidas e visualizações. Nele, Marco Feliciano afirma que Jair Bolsonaro se tornou um símbolo vivo de um povo que o ex-presidente não é chamado de mito à toa.

“Ele (Bolsonaro) não apenas recebeu esse título (de mito). Ele tem provado dia após dia o porquê é digno deste título. Bolsonaro estampa a sua presença em todas as pautas do Brasil. E a esquerda que o odeia vai à loucura.”. (Feliciano, 2025).

Este vídeo deixa explícito como o deputado federal é um dos principais aliados do ex-chefe do Executivo e isto não é à toa. Segundo a reportagem de 2022 do jornal Brasil de Fato, o “pastor das fake news” como é chamado, enriqueceu R\$ 2 milhões durante o governo de Jair Bolsonaro. Em sua declaração de bens à Justiça Eleitoral para o pleito de 2022, Feliciano declarou ter, como patrimônio, R\$ 4.797.415,75. Há sete anos, em 2018, eleição que marcou a vitória de Bolsonaro, o valor era de R\$ 2.766.327,19. O crescimento foi de 73%. As informações constam na plataforma DivulgaCandContas, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Fig. 8 – Gráfico sobre o valor total dos bens de Marco Feliciano declarados à Justiça Eleitoral ao longo dos anos.



Fonte: [DivulgaCandContas, plataforma do Tribunal Superior Eleitoral \(TSE\)](#) • Consultada em 19 de agosto de 2022.

Tabulação: Brasil de Fato



Fonte: Reprodução do Jornal Brasil de Fato. Acesso em: 15 de maio de 2025.

Ao fim da análise das duas publicações, conclui-se que, o Pastor utiliza em seus vídeos músicas dramáticas de fundo, imagens de fiéis ou protestos que apelam para as emoções (medo, indignação, esperança messiânica), maximizando os compartilhamentos e criando uma sensação de urgência para combater algo; cita projetos de leis inexistentes ou fora de contexto mostrando que na era pós-verdade crenças valem mais que evidências.

Portanto, isso demonstra que o Deputado Federal Marco Feliciano usa as redes sociais como púlpitos digitais, utilizando-se da sua autoridade religiosa como ferramenta de credibilidade para controlar, criar narrativas e manipular emocionalmente o seu público. Os

fiéis, por confiar em sua autoridade espiritual, tornam-se vulneráveis a essas táticas, muitas vezes agindo mais por lealdade religiosa do que por análise crítica.

## O JORNALISMO DE CHECAGEM COMO ANTÍDOTO À DESINFORMAÇÃO

A disseminação de *fake news* e desinformação por figuras como o Pastor Marco Feliciano, que utilizam e exploram redes sociais para manipular a opinião pública, revela um desafio para a democracia: a velocidade da desinformação supera a capacidade de discernimento do cidadão comum. Em face a este cenário, o jornalismo de checagem (*fact-checking*) emerge como um pilar essencial para preservar a integridade do debate público, desmontar narrativas fraudulentas e fortalecer a resistência crítica da sociedade. Sua relevância se amplifica em contextos onde a fé e a política se entrelaçam, como nas estratégias de líderes evangélicos que instrumentalizam o sagrado para fins ideológicos.

Fig. 9 – Ideologia de gênero é um dos temas explorados por quem produz desinformação em espaços religiosos nestas eleições.



Fonte: Reprodução/Coletivo Bereia. Acesso em: 15 de maio de 2025.

Como pode ser observado por Neto (2022), o *fact-checking* trata-se de um processo sistemático de verificação da veracidade das informações publicadas ou divulgadas por figuras públicas, veículos de comunicação, empresas ou usuários de redes sociais. O objetivo é garantir

a precisão e a autenticidade dos fatos apresentados, identificando e corrigindo possíveis erros, imprecisões ou mentiras.

A principal arma de Marco Feliciano é a criação de “pânicos morais” (ex: fechamento de igrejas), ele usa posição clerical para validar mentiras, transformando opiniões em “verdades divinas”, utilizando versículos bíblicos fora de contexto e com interpretações distorcidas para justificar discursos deturpados. O *fact-checking* atua desmontando essas narrativas com dados oficiais, declarações verificadas e contextualização histórica.

Em 2022, o Coletivo Bereia, agência especializada na checagem de conteúdos em mídias religiosas, alertou o aumento da desinformação política próximo das eleições presidenciais e monitorou mídias religiosas onde registraram um aumento do discurso sobre “ideologia de gênero” e “crisofobia”. A jornalista e coordenadora do coletivo, Magali Cunha, afirmou, em entrevista ao jornal O Globo, que a desinformação ficou mais intensa com a proximidade das eleições e cita parlamentares da Câmara, como os deputados Marco Feliciano (PL-SP) e Diego Garcia (Republicanos-PR) como “campeões” da desinformação.

O trabalho do Coletivo Bereia revela a importância do jornalismo de checagem como instrumento de análise das estruturas narrativas da desinformação. Não se trata apenas de corrigir fatos, mas de compreender o ecossistema em que essas falsidades se espalham – incluindo quem as produz, com quais interesses, e quais públicos são mais vulneráveis a elas.

O sucesso da desinformação está na rapidez da propagação em plataformas como o WhatsApp e o Instagram. Em 2022, as redes sociais do grupo Meta passaram a notificar usuários que compartilharam posts falsos verificados por agências como AFP Checamos, reduzindo o alcance de mentiras. Com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial e análise de big data, algumas redações puderam rastrear padrões de desinformação, analisando a origem e a disseminação de *fake news*. Esses sistemas ajudaram a identificar contas suspeitas de espalhar conteúdo falso de maneira coordenada, alertando as equipes de jornalistas para investigar e corrigir esses conteúdos rapidamente (PARESQUI, OLIVEIRA, LEITE, 2024).

Além de corrigir as informações, o jornalismo de checagem ensina o público a identificar padrões de desinformação. Projetos como Educamídia (Instituto Palavra Aberta) e Vaza, Falsiane! (Lupa) oferecem ferramentas para reconhecer discursos alarmistas, verificar fontes e questionar vieses emocionais. A educação midiática aparece, então, como aliada estratégica ao ensinar a população a identificar fontes confiáveis, verificar informações e reconhecer técnicas de manipulação. É fundamental para criar uma cultura de resistência ao discurso falso.

Apesar do seu papel vital, o jornalismo de checagem enfrenta obstáculos como a desconfiança na mídia, velocidade de publicação e excesso de desinformação. Segundo a pesquisa do Data Senado (2019) 79% dos entrevistados responderam que sempre utilizam o WhatsApp como fonte de informação, isso mostra como as *fake news* viajam mais rápido que as correções, especialmente em grupos fechados do WhatsApp, fazendo com que a capacidade de verificação fique sobrecarregada.

Por isso, combater a desinformação exige uma resposta articulada: é preciso envolver jornalistas, pesquisadores, educadores, organizações da sociedade e as próprias plataformas digitais. Trata-se de uma disputa não apenas por narrativas, mas por valores – como a verdade, o direito à informação e o respeito à diversidade.

Em suma, o jornalismo de checagem é mais do que uma ferramenta técnica; ele é uma prática ética e social de defesa da verdade. Em tempos de desordem informacional, sua existência é um antídoto necessário – não apenas para corrigir o que é falso, mas para afirmar o compromisso coletivo como que é justo, verificável e ético.

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação. (Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do político religioso Marco Antônio Feliciano e sua influência nas eleições de 2022 revelam um problema que vai muito além de um político ou uma campanha: mostram como a desinformação, aliada a discursos religiosos, pode colocar em risco a democracia. Ao espalhar mentiras como o “fechamento das igrejas” e a “perseguição fiscal aos evangélicos”, Feliciano usou a fé como ferramenta para gerar medo e manipular votos. Esse fenômeno não é apenas uma estratégia eleitoral, mas um sintoma de um sistema frágil, onde redes sociais e a falta de educação midiática permitem que mentiras se espalhem mais rápido que a verdade.

No entanto, existe um caminho possível para combater essa disseminação de notícias falsas. O jornalismo de checagem provou ser uma arma poderosa contra a desinformação. Agências como o Coletivo Bereia, Lupa, Aos Fatos e entre outros desmontaram narrativas falsas, mostraram provas concretas e lembraram o público de que a política não precisa ser baseada em medo. Quando explicaram, por exemplo, que o PT nunca propôs fechar igrejas, deram às pessoas a chance de questionar o que ouviam. Esse trabalho é vital, mas precisa chegar

mais longe. Parcerias com escolas, igrejas e plataformas digitais podem transformar a checagem em um hábito diário, não apenas uma resposta a crises.

Outro ponto crucial é a regulação das redes sociais. Algoritmos que priorizam conteúdos extremistas, como usados por Feliciano para viralizar *fake news*, precisam ser transparentes e responsáveis. Leis que obriguem plataformas a identificar e reduzir a circulação de mentiras, sem censurar debates legítimos, são um passo necessário. Além disso, investir em educação midiática desde a infância ajuda as pessoas a diferenciarem fatos de ficção, evitando que futuras gerações caiam em armadilhas como as das eleições de 2022.

Contudo, não bastam mudar leis e tecnologia, também é preciso mudar valores. Políticos religiosos, que têm grande influência sobre milhões de pessoas, precisam assumir a responsabilidade de não manipular a fé para ganho político. A religião, que deveria unir em torno de princípios como amor e justiça, não pode ser usada para mentir e dividir. Comunidades evangélicas podem criar comitês éticos para fiscalizar discursos de pastores e exigir transparência em campanhas políticas.

Também é essencial reconhecer que a democracia não é feita só de votos, mas de diálogo. Quando figuras como Marco Feliciano transformam adversários em inimigos da fé, eles matam a possibilidade de debates saudáveis. Reconstruir as confianças em grupos diferentes – religiosos, não religiosos, direita e esquerda – exige esforços que mostrem que é possível discordar sem odiar.

Por fim, o caso de Marco Feliciano mostra que a democracia brasileira só sobreviverá se todos – governo, imprensa, escolas e cidadãos – entenderem que combater a desinformação é um dever de todos. Não há solução mágica, mas cada passo conta: compartilhar menos mensagens alarmistas, cobrar honestidade de políticos religiosos e apoiar o jornalismo independente são pilares fundamentais para começarmos a combater a disseminação de notícias falsas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados do. **Biografia do Deputado Marco Antônio Feliciano**. Site eletrônico. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/160601/biografia>. Acesso em: 3 de maio de 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Mais de 80% dos brasileiros acreditam em que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas**. Site eletrônico. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>. Acesso em: 3 de maio de 2025.

CAMILO, Rafaely. **“Ideologia de gênero” é um dos temas explorados por quem produz desinformação em espaços religiosos nestas eleições**. Coletivo Bereia, 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/ideologia-de-genero-e-um-dos-temas-explorados-por-quem-produz-desinformacao-em-espacos-religiosos-nestas-eleicoes/>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

CAPOBIANCO, João Pedro; VICENTE, Gabriella. **Governo Lula não exclui projetos religiosos da Lei Rouanet**. Coletivo Bereia, 31 de março de 2023. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/governo-lula-nao-excluiu-projetos-religiosos-da-lei-rouanet/>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

CARRANZA, Brenda. **"Cristofobia"**. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/cristofobia>. Acesso em: 16 de março de 2025.

Criptomoeda bolsonarista anunciada por Feliciano derreteu em meia hora e lesou milhares. **Diário do Centro do Mundo**. 26 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/criptomoeda-bolsonarista-anunciada-por-feliciano-derreteu-em-meia-hora-e-lesou-milhares/> Acesso em: 7 de abril de 2025.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

CUNHA. Magali. **“Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter.”** C&S – São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 217-244, set./dez. 2017.

CURI JUNIOR, A.; ALFAYA, N. M. V. da S. **O impacto das fake news nas eleições presidenciais de 2018 e 2022: prejuízos para a democracia e a sociedade**. Revista do Instituto de Direito Constitucional e Cidadania, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e079, 2024. DOI: 10.48159/revistadoidcc.v8n1.e079. Disponível em: <https://revistadoidcc.com.br/index.php/revista/article/view/182>. Acesso em: 18 maio. 2025.

DANNER, F. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos, n.4, 2010.

DE SOUZA, André. **PT recorre à Justiça contra Feliciano após ele dizer que Lula quer fechar igrejas evangélicas**. **O Globo**, 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/pt-recorre-a-justica-contrafeliciano-apos-ele-dizer-que-lula-quer-fechar-igrejas-evangelicas.ghtml>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIP, Andrea. **Em nome de quem?: A bancada evangélica e seu projeto de poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Feliciano apaga fotos do Instagram e desabafa no Twitter. **Época Negócios**, 30 de março de 2013. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2013/03/feliciano-apaga-fotos-do-instagram-e-desabafa-no-twitter.html>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

FENAJ. (2007). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. [Versão online] ([https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)).

GRILLO, Brenno. Transmissão de culto pela TV Brasil configura crime de responsabilidade, dizem especialistas. **O Antagonista**, 09 de junho de 2021. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/transmissao-de-culto-pela-tv-brasil-configura-crime-de-responsabilidade-dizem-especialistas/>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

LINCOLN BARBOSA DO AMARAL PARESQUI, A.; FEITAL DE OLIVEIRA, R. L.; VIEIRA LEITE, S. **O combate às fake news nas eleições de 2022 sob a ótica do Direito e do Jornalismo**. Uma avaliação crítica da integridade eleitoral na era da informação. **Aquila**, n. 32, p. 109-136, 22 mar. 2025.

Lula lidera com 49%, e Bolsonaro oscila para 44%. **Datafolha**, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/10/lula-lidera-com-49-e-bolsonaro-oscila-para-44.shtml>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

MANAGEMENT, Mar asset. **“Vai na fé! O impacto eleitoral do crescimento dos evangélicos”**. 16 de janeiro de 2025. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.marasset.com.br/conteudo-mar/>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARZULLO, Luísa. **Após fake news sobre fechamento de igrejas, Feliciano fala em perseguição aos evangélicos pela Receita em caso de vitória de Lula.** *O Globo*, 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/apos-dizer-que-igrejas-fecharao-em-caso-de-vitoria-do-pt-feliciano- agora-fala-em-perseguiacao-aos-evangelicos-por-parte-da-rf.ghtml> . Acesso em: 7 de abril de 2025.

MOTORYN, Paulo. **Pastor das fake news: patrimônio de Marco Feliciano cresceu 73% no governo Bolsonaro.** *Brasil de Fato*, 19 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/19/pastor-das-fake-news-patrimonio-de-marco-feliciano-cresceu-73-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

NETO, Paulo Pessoa de. **Fact-checking na pandemia: uma análise das fontes na checagem da agência de notícias Aos Fatos.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro Unversitário Internacional Uninter, Curitiba, 2021.

ORO, Ari Pedro. **O Outro é o Demônio: Uma análise sociológica do fundamentalismo.** São Paulo: Paulus, 1996.

ORTUNES, L., MARTINHO, S., & CHAIA, V. (2019). **Lideranças políticas no Brasil: da Teologia da Libertação ao Neofundamentalismo.** *Revista Brasileira De Ciência Política*, (28).

OTTONELLI, Valeria. **Disinformazione e democrazia. Che cosa c'è di fake nelle fake news?** In: FUMAGALLI, Corrado; BISTAGNINO, Giulia (ed.). *Fake News, post-verità e politica.* Milano: Fondazione Giangiacomo Feltrinelli, 201.

PACHEGO NETO, Manuel. **A Escravização Indígena e o Bandeirante no Brasil Colonial: Conflitos, apresamentos e mitos,** MS: Ed. UFGD, 2015.

QUINTELLA, Sérgio. **A nova lorota de Marco Feliciano contra a campanha de Lula.** *Veja abril*, 17 de agosto de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-nova-lorota-de-marco-feliciano-contra-a-campanha-de-lula>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma** (Vol. 5). São Paulo. 1999.

SANTINI, R.; SALLES, D.; FERREIRA, F.; GRAEL, F. **Mensageria no primeiro turno nas eleições de 2022: Narrativas, estratégias e fluxo de desinformação.** NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2022. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/mensageria-no-primeiro-turno-das-eleicoes-2022-narrativas-estrategias-e-fluxo-de-desinformacao>. Acesso em: 22 de abril de 2025.

WARDLE, C., & DERAKHSHAN, H. (2017). **Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making**. Council of Europe. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666>. Acesso em: 30 de março de 2025.